

CONFERÊNCIA / CONFERENCE

No santuário do ferreiro calvo**At the shrine of the bald-headed tinker*

EARL SHORRIS**



Tenho o prazer de me unir aos que são academicamente melhores do que eu, nesta palestra, para falar um pouco das origens da democracia entre os meus estudantes do Curso Clemente, a quem Platão aplicou a expressão “ferreiros calvos”. Para informá-los corretamente sobre o seu amável convite, devo dizer-lhes que ele provavelmente me veria como um ferreiro, e não há dúvida nenhuma a respeito da calvície – infelizmente! Platão sabia quem eu sou. Mas, como veremos, eu também sei quem ele é. Sou apenas um escritor que caiu em más companhias na sua adolescência, e não conseguiu escapar delas, nem de Sócrates ou Aristóteles, ou Esquilo, ou Sófocles ou Cícero. Tenho uma predileção por antiguidades, especialmente agora que estou me tornando uma delas, mas, ao contrário de muitos de vocês, não tenho qualquer objetivo de estudos em relação a elas. Eu não sou o examinador dos companheiros da minha juventude, sou seu empregador. Mas, estou me adiantando demais nesta história.

Há pouco mais de quinze anos, eu estava escrevendo um livro sobre a pobreza, procurando desesperadamente os motivos pelos quais as pessoas eram pobres e o que se poderia fazer a respeito disso. Eu sabia que tinha algo a ver com a diferença entre força e poder, mas o que? E o que se poderia fazer? Falei com centenas de famílias – norte, sul, leste, oeste, urbanas, rurais, negras, pardas, católicas, protestantes, judias, muçulmanas – e vi que os pobres viviam dentro de um entorno de força. Pude identificar mais de 30 dessas forças: péssimos senhorios, fome, racismo, doença, criminosos e assim por diante. A fim de sobreviver, os pobres eram as pessoas mais atarefadas da terra, com tanta falta de tempo, tão pressionados pelos seus adversários, que a única coisa que poderiam fazer era reagir. Mas o que se poderia fazer? Algumas pessoas escaparam, mas como seria possível fugir da vida de *ananke* (necessidade), uma força tão terrível que Aristóteles teve o cuidado de distinguir entre a violência e outros aspectos

da necessidade, quando escreveu a respeito. Certa tarde, eu visitei o programa de violência na família, em Bedford Hills, a única penitenciária de segurança máxima para mulheres em Nova Iorque. Fortuitamente perguntei à mulher sentada ao meu lado por que ela achava que as pessoas eram pobres. “Porque não temos a vida moral dos que moram no centro da cidade”, disse ela.

Religião, pensei, abatido pela perspectiva de ouvir outro relato de conversação. Mas, de qualquer forma, perguntei, “O que você quer dizer com isso?” E ela respondeu, “Concertos, museus, palestras, peças de teatro.” “Ah, você quer dizer as humanidades.”

Vinece Walker olhou-me como se eu fosse a pessoa mais burra da terra, e disse, “Sim, Earl, as humanidades.”

Obviamente, tanto ela como eu tivéramos os mesmos maus companheiros na nossa juventude. Ao dirigir para casa, voltando da penitenciária, comecei a pensar sobre os meus velhos companheiros. Se eu bem me lembrava da história da maneira como eu a preferia, houve duas etapas na Grécia antiga.

Primeiro o que Bernard Knox descreveu como o conflito entre a certeza da religião e o desejo de liberdade da vontade. A maneira de explorar o conflito, escreveu, não é através da filosofia e sim da arte. Como Cynthia Farrar, na sua *Origins of Democratic Thinking* (Origens do Pensamento Democrático), atribuí o passo seguinte, a democracia, ao tipo de pensamento refletivo engendrado pelas humanidades. Resulta então, que se você localiza a liberdade e a ordem como opostos polares e, como antigo ateniense, procurar o caminho do meio, chegará no *auto nomos* e, logo à primeira e ainda mais pura democracia, naquilo que chamamos de Ocidente. Mas o que é que isso tem a ver com a pobreza? Os pobres na América, no Harlem ou nas minas de carvão do Condado de Harlan, estão tão próximos à situação de escravos quanto se possa

* Conferência proferida no 30th Annual Seminar da Society for Teacher Education – ISfTE 2010, realizado na PUCRS, Porto Alegre, de 11 a 17 de abril de 2010.

** Fundador e diretor do *The Clemente Course in the Humanities*, New York, Estados Unidos. E-mail: clementecourse@bard.edu
 Artigo recebido em: março/2010. Aprovado em: abril/2010.

chegar. A sua situação perdura de geração em geração. São (*de facto*, agora) não cidadãos, sofrem indignidades e brutalidades, e os seus atormentadores os consideram burros e criminosos – a subclasse. Contudo, não havia necessidade de pensar dos pobres dessa maneira. Os pobres são humanos, a experiência política de Atenas poderia ser repetida. Naturalmente, haveria objeções: escravidão, misoginia faziam parte das sociedades antigas. Mas, como disse o velho Professor Finley, é anacrônico aplicar os padrões morais modernos às sociedades antigas.

Não podemos ignorar os clássicos com base nesses motivos. Se houvesse uma maneira de reproduzir nos pobres aquela experiência ateniense, torná-los políticos no sentido em que Péricles descreveu a política, talvez...

Primeiro, as humanidades. A noção básica tinha de ser ensinar as humanidades aos pobres, em nível universitário. Se isso pudesse ser feito, logicamente tudo o mais se seguiria. Significaria pressupor que os pobres fossem tão inteligentes quanto os ricos, que poderiam beneficiar-se de passar tempo na sala de aula, com professores de excelente qualidade, e que, poderiam até mesmo se tornar cidadãos. Ainda mais radical, talvez: se essa ideia estava certa, se aplicaria também a mulheres, bem como aos homens, sem considerar raça ou religião.

Fui falar com meu amigo Jaime Inclan, diretor do Roberto Clemente Family Guidance Center (Centro de Orientação Familiar Roberto Clemente) no Lower East Side de Manhattan. Ele ouviu o meu plano maluco, sem dizer uma palavra. Quando terminei, abriu os braços e disse, “Eu lhe darei as paredes.”

Agora era necessário procurar um corpo docente. Tomei de empréstimo a definição das disciplinas de Petrarca, e convenci alguns amigos e companheiros do jogo de pôquer para dar aulas. Grace Glueck, crítica de arte do New York Times ensinou história da arte, Charles Simmons, romancista, ganhador do premio Faulkner outorgado pelo PEN, ensinou literatura, Timothy Koranda, a logicista que publicara nesse campo, Tom Wallace, historiador e editor de *Bury My Heart at Wounded Knee* (Enterrem Meu Coração na Curva do Rio) e *Schindler's List* (A Lista de Schindler), ensinou história, e eu ensinei filosofia moral.

A seguir precisávamos de estudantes. Jaime Inclan reuniu alguns trabalhadores comunitários no Centro Clemente. Expliquei a ideia e um deles, representante local de um deputado, disse, “Maravilha! Eles formarão os novos quadros da esquerda!”

“Não, a ideia não é de mobilizar as pessoas e sim de educá-las. Aqueles que se formarem poderão escolher a esquerda, a direita, ou o centro, desde que se tornem pessoas politizadas no sentido de Péricles.” Ele abandonou a reunião.

Depois, fui ao programa de assistência social de Ruth Nabakaba no South Bronx. Era uma mulher africana que viera para os Estados Unidos como estudante e ficara e dirigia um grande programa. Apresentou-me os seus clientes que eram todos latinos ou afro-americanos e saiu para uma reunião, deixando encarregada uma assistente social. Conte a minha história e abri para perguntas. A assistente social, de origem anglo, perguntou, “Você vai ensinar História Africana?” “Não. Se eu estivesse na África, ensinaria História da África, na China, História Chinesa, e assim por diante. Estamos na América, assim ensinaremos História Americana. Além disso, não se pode ensinar História Americana, ou literatura, ou arte, ou música, sem suas muitas origens africanas.” Ela aconselhou seus clientes a deixarem a sala. E eles se foram.

Caminei para o lado oeste do Bronx, e fui para o programa de reabilitação de drogas para Jovens Mães, onde eu estivera realizando reuniões de grupo, falando sobre os problemas da pobreza. Algumas das mulheres estavam lá fora, fumando. Duas delas concordaram em vir ao programa. Uma, a Bernardette, mulher trágica e bela, morreu de AIDS antes do final do ano. A outra, Carmen, passara dez anos em várias penitenciárias, era o ser humano mais duro que eu já conhecera. Agora, eu tinha duas estudantes possíveis, e tinha certeza de que preencheriam as nossas condições de admissão: viver em ou abaixo de 150% do nível de pobreza [um número antiquado, definido pelo Governo Federal durante o a presidência de Lyndon Johnson] e saber ler uma página de um jornal tablóide. Posteriormente, reduzi as exigências para admissão, pedindo que lessem uma página de Platão que, em uma boa tradução, é muito mais fácil de compreender do que o jornal *Daily News*.

Logo aprendi como recrutar pessoas que tinham estado na prisão, ou desistido de estudar já na escola secundária, ou que viviam em albergues de sem-tetos, ou estavam entre os mais pobres dos pobres na América – mulheres solteiras que procuravam criar os filhos. Gracie e os jogadores de pôquer e eu, ensinamo-las a ler Sófocles e Sócrates, aprender o quadrado das oposições, descobrir a diferença entre a arquitetura grega e romana, saber que William Blake e James Baldwin fizeram perguntas semelhantes, ler e comparar Crito a Rosa Parks e a Henry David Thoreau.

A questão é que estavam se tornando gregas. Era a teoria do curso, a diferença entre educar e treinar. O sistema americano busca profissionalismo em todos os níveis da sociedade. Os gregos eram tão amplos quanto nós somos estreitos. A vida estreita é sempre trágica na América: As pessoas nascem com a possibilidade de uma grande abrangência e sucumbem ao destino nacional da vida vivida dentro de um tubo que não é mais largo do

que a semana de trabalho. Para os ricos é meramente um desperdício, para os pobres significa profissionalizar as suas vidas na pobreza, capacitando-os para um trabalho que fará com que eles e seus filhos e netos continuem pobres.

Expandir seu mundo, transformá-los em gregos, capazes de integrar as disciplinas, de pensar através das fronteiras das categorias comuns de conhecimento é prepará-los para serem pessoas por inteiro, cidadãos, torná-los ricos.

Começamos com estudantes, um corpo docente, e um lugar onde pudessemos sentar em torno de uma mesa e usar o método criado por Sócrates. A minha esposa Sylvia tornou-se a Mãe Incentivadora, mas atrás dela e de Inclan e de nosso corpo docente, o mundo inteiro pensou que tivéssemos enlouquecido. Era para ser um curso rigoroso, mas todas as faculdades ou universidades que eu contatei pelo telefone, pedindo para matricular os alunos e oferecer algum tipo de crédito, disseram que eu estava maluco. Um especialista em educação da Heritage Foundation (Fundação Heritage) diria depois à CNN que era impossível ensinar Aristóteles ou Ésquilo a pessoas provenientes de uma pobreza multigeneracional. E ele não estava sozinho. Ken Auletta da revista *New Yorker* havia cunhado a expressão “subclasse”, e William Junius Wilson, Charles Murray, Nicolas Lemann, e Nathan Glazer, entre outros, tinha escrito uma música para acompanhar. Segundo eles, os meus estudantes prospectivos eram as piores pessoas na América. Quem melhor apresentar àquela violadora da lei, àquela infeliz doente de amor, anárquica, ingrata, obsecada pela morte, Antígona? Quem teria uma compreensão mais profunda do momento glorioso em que Sócrates recusou a oferta de Critó?

Herder certamente tinha razão em dizer que nunca seríamos gregos, não importa quanto os estudássemos, mas havia um caminho aberto à compreensão dos clássicos, como eram naquele breve período iluminado que foi Atenas. E as pessoas que faziam essa ligação, tanto quanto quaisquer outras, eram justamente as pessoas que Murray chamara de burras, Auletta condenara como criminosas e prostitutas, e Wilson pensara que no máximo seriam aptas a realizarem trabalhos repetitivos, nos quais não fosse necessário pensar.

Mas, Robert Maynard Hutchins dissera, “A melhor educação para os melhores é a melhor educação para todos.” Seguindo o seu conselho, começamos, em outono de 1995. Muitos dos estudantes vinham de uma agência de assistência social chamada *The Door* (A Porta), aonde cerca de 2600 jovens vinham para refeições grátis, pintura com os dedos e aulas para obter o Certificado de Equivalência da Escola Secundária (GED). Quanto eu me reuni com estudantes para recrutá-los, um estava

sentado numa cadeira, bem, mais ou menos sentado, e estava perfeitamente paralelo ao chão. Impressionado por seu talento por algo que era quase a levitação, perguntei seu nome.

“Me chamam de Dorminhoco,” disse ele, “porque eu tenho este olho sonolento.” Apontou para a sua pálpebra direita caída.

“Mas como te chamas?”

“Henry.”

“Henry do que?”

“Henry Jones.”

“Na aula serás Sr. Jones.”

Ninguém jamais o chamara de senhor. Mas não foi a formalidade do curso que o definiu, embora tenha ajudado. Foi Sócrates, seu método, uma maneira difícil de ensinar, que exigia que o professor conhecesse o assunto, e o conhecesse bem. Não apenas é a melhor maneira de ensinar a qualquer um, nossos estudantes logo disseram: “É a primeira vez que alguém me ouviu.”

Foram recrutados trinta e um alunos. Antes da primeira noite, Jaime Inclan e alguns dos psicólogos do Centro Clemente criaram uma bateria de testes psicológicos que nos permitiram ver se havia ocorrido uma mudança em relação à vida política entre os estudantes.

Havia mais uma coisa a fazer. Fui até prisão para conversar com Niece. Ela perguntou o que eu ia ensinar. Eu lhe disse, e mostrei a lista de leitura para a seção de filosofia moral. Ela disse, “falta algo”. Era uma tarde quente de fim de agosto, não há ar condicionado nas prisões. A Niece estava sentada à minha frente tomando o seu remédio para a AIDS, “Ah é”, eu disse. “O que?” “A Alegoria da Caverna. É os pobres subindo da escuridão para a luz da educação.”

Era uma leitura bastante boa, mais útil do que sofisticada. E é assim que começamos. A turma tinha a cara da América. Eram, em ordem alfabética, asiáticos, negros, pardos e brancos. Os alunos eram protestantes, católicos, judeus e budistas. Três eram sem-tetos naquela ocasião. Cinco tinham estado na cadeia ou na penitenciária. Um era lutador de boxe. Cerca de um terço eram mães solteiras. A maioria não tinha terminado os estudos secundários.

Havia ainda a questão dos créditos. Finalmente, um amigo conseguiu para mim uma conversa com Leon Botstein, presidente da Bard College. Expliquei a ideia para Leon, que respondeu, “Bom, nós ganharemos a publicidade, e vocês ganharão o crédito diante de Deus.” Eles dariam um certificado de conclusão, mas qualquer ideia de créditos teria de aguardar até que eu pudesse provar que era merecida. Houve uma segunda seção do curso lá em Bedford Hills na penitenciária, onde Judy Clark, outrora estudante da Universidade de Chicago, como Botstein e eu, era minha assistente de ensino. Dei aos estudantes uma cópia da carta de Bard na qual ele

explicava isso. Cerca de três meses depois do início do curso, recebi um telefonema em casa de um dos estudantes, num sábado de manhã. “Sr. Shores, tive um problema.” “Sim,” disse. Ele era um jovem inteligente que passara um ano na cadeia devido ao seu envolvimento com drogas. Eu falara com os seus pais, que disseram que eu deveria ter cuidado ao lidar com ele, porque ele tinha problemas de gênio e podia se tornar violento. Para completar o quadro, era um rapaz grandão, que vinha à aula vestindo uma jaqueta de couro preto e um chapéu de couro. Parecia temível, mas todos os estudantes tentavam tanto quanto possível ter esse aspecto – até entrarem na sala de aula e começarem a falar sobre Platão ou Botticelli. Então ficavam com a doce intensidade de estudantes de humanidades. David não era exceção. Ele tinha um sorriso cativante de boca larga e, quando ria, os seus olhos pareciam dançar de alegria.

“O que aconteceu?”

“Essa mulher com quem eu trabalho, ela contou mentiras a meu respeito para meu chefe.”

“E o que você fez?” Lembrei do que os seus pais me haviam contado. Temi que ele tivesse perdido as estribeiras com a mulher. Era sábado de manhã. Será que este era o único telefonema que lhe tinham permitido fazer da cadeia?

“Sr. Shores, eu tive vontade de atirá-la contra a parede.”

Acontecera, eu tinha certeza disso. Ele fizera algo de horrível com a mulher e estava agora na cadeia. Me faltou o ar. Com grande trepidação, perguntei, “E o que você fez?”

Perguntei a mim mesmo, “O que faria Sócrates?”

Acontecera. A ideia do curso tinha algum mérito. Em lugar de reação, tinha havido reflexão. Mas, havia mais passos. Eu organizara o curso de modo que as seções eram ensinadas em rotação, filosofia na segunda-feira, história da arte na quinta-feira, lógica na segunda-feira, e assim por diante, naquele cronograma de duas horas, duas vezes por semana. A ideia era de integrar as disciplinas, a fim de ficar tão longe quanto possível do estreito profissionalismo, e evitar a repetição estupefaciente da educação americana em todos os níveis. E como gostaram! Como tinham vivido uma vida apertada, os enredos terríveis da literatura clássica não os desanimavam. Bons hábitos, ação; sim, gostaram do passo de Aristóteles para além do seu professor Platão. Assim mesmo, Sócrates era o seu herói. Sócrates, Jesus, e Buda eram seus heróis – e pensamos que Karl Jaspers foi brilhante, porque pensava que aqueles três eram as grandes mentes. Mas havia problemas. Demiti o professor de história porque ele não era um bom professor, e fiquei no lugar dele.

Uma noite, perguntei quantos infringiriam a lei em qualquer circunstância. Assim como morreria Sócrates, eles também morreriam. Não havia um único infrator na

aula. Perguntei, “Então vocês todos pensam que a Rosa Parks¹ deveria ter ido para o fundo do ônibus?”

Não creio que tivemos um momento melhor do que esse durante aquele ano. Bem, se não contarmos a vez que um dos estudantes reagiu a William Blake com uma poesia dele mesmo, e nós todos nos demos conta de que aquele jovem, alto e tímido, que sempre vinha à aula vestindo roupa de camuflagem, (sendo a roupa de camuflagem muito popular entre os jovens, naquela época), era poeta. Que tipo de pessoas eram os estudantes? Nem é necessário mencionar que eram inteligentes. Tinham o aspecto feroz porque era necessário parecer feroz para não morrer nos bairros onde moravam. Em 55 sessões, não se disse uma única palavra dura na sala de aula. Bem, salvo uma vez, quando o Sr. Jones se levantou da cadeira, apontou a jovem sentada à frente dele e disse, “Defina os seus termos!”

Próximo ao final do ano, Baird olhou a lista de leitura e o trabalho feito e, em lugar de conceder os quatro créditos acadêmicos que pedíamos, deram seis. Dezesete estudantes completaram o curso, 14 conseguiram créditos para a faculdade.

A formatura é sempre um evento feliz, mas essa foi especial, o ex-prefeito de Nova Iorque, David Dinkins, veio ao Centro Clemente para entregar os diplomas aos estudantes.

Os 14 estudantes foram à faculdade, quatro deles a faculdades de quatro anos. Apenas uma não foi. Ela conseguiu um emprego no MacDonalD’s e foi demitida em um mês. Mas, ela pode, na verdade, ter sido o nosso maior sucesso. Foi demitida por tentar criar um sindicato.

Tivera início como um experimento, uma maneira de provar uma tese sobre a pobreza, a democracia e a educação. Mas deu certo demais para interrompê-lo. Repetimos o curso no ano seguinte. O livro foi escrito, e a parte sobre o curso foi publicado na revista Harper’s. O editor, Lewis Lapham, e a pessoa da editora, Rick MacArthur, tinham dado um empurrão ao livro para que fosse conhecido no mundo. Estou grato, já que o livro foi despedaçado alguns meses depois no *New York Times Book Review*, que disse que ensinar a prisioneiros, especialmente a Judy Clark do grupo Weather Underground² e do assalto ao Brinks mostrava que era uma péssima ideia, e que eu sou um homem miserável.

Harper’s prevaleceu. Passamos adiante. Primeiro para Chicago, onde a brilhante jovem estudiosa, Danielle Allen ouviu a minha apresentação e disse, “Ah, entendo, é sobre a liberdade.”

E é sim. Danielle e seu marido, Robert von Halberg, e Amy Thomas e seu marido, Thomas Elder, todos professores da Universidade de Chicago, levaram Sócrates e Antígona e Toni Morrison e John Locke para o West Side de Chicago.

Christopher Zinn do Conselho de Humanidades do Oregon e sua esposa Nathalie do Reed College estabeleceram o curso no Oregon. Depois, Massachusetts, o estado de Washington e Washington D.C. Começamos um curso em San Antonio Siho no estado de Yucatán, no México, onde os clássicos eram as grandes obras mesoamericanas, o Popol Vuh e o Chilam Balam de Chumayel e Tizimin e, um dos nossos professores da etnia maia foi ao Vale de Yukon Kuskokwim contar aos Yupiit, que vocês conhecem como os esquimós, o que os maias estavam fazendo, e começamos a ensinar, com a ajuda da Universidade do Alaska, em Chevak, em Cup'ik. Um dos projetos dos estudantes é traduzir trechos de Platão para o idioma Cup'ik e ler o texto da Antígona de Yup'ik, que viajou por grande parte do mundo.

Ministramos cursos biculturais aos indígenas Kiowa, Cherokee, Chickasaw e Wichita. Também há Cursos Clemente agora no Canadá, na Austrália, estão recém começando na Argentina, bem como no México, e estamos avançando na Coreia. Mais de mil estudantes começam o curso anualmente. Além de Bard, que gere cerca de 16 cursos, trabalhamos com muitas universidades, o nosso corpo docente vem das universidades de Chicago e Northwestern e a Universidade de Boston e Harvard e Reed e as Universidades da Columbia Britânica, Wisconsin, Indiana, Iucatán, Antioch, Trinity, Washington, a Universidade Nacional do México, Universidade Católica Australiana e, como a Marta sabe, espero que logo haja um curso no Brasil. Há pouco mais de um ano, começamos a ensinar refugiados internos de Darfur, com a ajuda da Universidade de Cartum e do Open Society Institute (OSI) de George Soros. O presidente do OSI e sua equipe da África Oriental se retiraram repentinamente da participação no curso para as pessoas de Darfur. Com a crise financeira nos Estados Unidos, temos tido problemas em substituir os fundos, mas continuaremos em Darfur sem a ajuda de Soros. É interessante que quase não temos mudanças no corpo docente. Os professores sentem que as aulas são uma experiência de aprendizado, tanto quanto de ensino. Durante algum tempo eu me perguntei por que. E acho que agora sei. Nossos estudantes não cresceram com os clássicos. Em certo sentido são como W.H. Auden, que disse que ele foi criado com base nos gregos. Foi para ele, um menino que ouviu essas histórias primeiro, uma cultura viva. E assim é para nossos estudantes. Clitemnestra e amado são ambos parentes distantes. E se continuam a ler a Orestéia, a influência civilizadora de Atena é tão nova para eles, quanto para o próprio Orestes. Cícero vem em sua defesa. Eu já ouvi homens, numa penitenciária no Michigan, discutirem as suas próprias vidas em termos daquilo que aprenderam lendo a Apologia. Uma das minhas estudantes me disse que ela não conseguia escrever sobre o conflito entre a família e a

lei em Antígona, porque ela denunciara a sua própria filha ao FBI. Nunca poderei entender Antígona tão bem, ou sentir a tragédia tão pessoalmente como ela. Para nossos estudantes, os clássicos não são distantes, eles não aceitam a distinção de Herder entre a Atenas do século V, e a Chicago ou Newark do século XXI. Kant não é uma figura distante, morrendo de medo de Frederico. Uma mulher no México, em Las Vias, ao longo dos trilhos abandonados da ferrovia, disse-me este ano, que ler Kant fizera com que ela se conscientizasse de ser um fim em si, não um meio, que ela não tinha preço, e assim tinha dignidade.

“E como isso afetou a sua vida?” perguntei.

Ela disse: Desde que lemos e discutimos Kant, não permito mais que o meu marido me maltrate.

Nossos estudantes se tornaram dentistas, filósofos, homens de literatura, mães que falam com os seus filhos sobre Langston Hughes e David Hume e a falha lógica do argumento *ad hominem*. Vi uma jovem mulher criar uma nova visão de sua vida ao entrar no Templo Egípcio de Dendur, que agora está no Museu Metropolitano de Arte em Nova Iorque. Vi um jovem, em Sidney, na Austrália, que acabava de sair da prisão, ainda vestindo as calças azul-escuras que o sistema prisional australiano dá aos homens ao serem soltos, que ficou tão excitado lendo as palavras de Sócrates, que permaneceu ficou acordado a noite inteira continuando a ler um diálogo de Platão após o outro. Ensinei poesia para mulheres sem teto em um abrigo, nas ruelas de Seul.

Quando Platão diz que há uma multidão de pretendentes, “que querem compartilhar o prestígio da filosofia, que não estão à altura por sua própria natureza, e que emergirão como ferreiros calvos tentando enriquecer dos seus estudos, e se um deles casar com a filha do seu mestre, seus filhos serão bastardos, nascidos de classe humilde,” eu olho nossos estudantes. Vivemos aqui na cidade verdadeira, não na cidade de sonhos de um filósofo decepcionado. Vocês e eu sabemos quem são os ferreiros. E quando os lemos, a maioria de nós sabia que Platão e Murray e Leo Strauss e Alan Bloom estavam errados em teoria, mas agora o vemos na prática. O santuário do ferreiro calvo é o lugar onde vamos para venerar as possibilidades dos pobres, dos desafortunados, dos jovens cansados, dos homens e mulheres jovens e desgastados para convidá-los ao poder, a serem cidadãos do país, e à camaradagem entre si. Tudo isso como foi outrora em Atenas, a democracia, mas melhor agora, pois pode ser para todos.

NOTAS

¹ Rosa Parks, uma mulher negra cuja recusa em sentar-se no fundo do ônibus, como era exigido de todas as pessoas de cor, desencadeou o movimento de luta pelos Direitos Civis dos negros nos Estados Unidos.

² Weather Underground foi uma organização radical de esquerda nos Estados Unidos, em atividade do final de 1969 até meados da década de 1970, que realizou ataques a bomba, principalmente a prédios públicos dos Estados Unidos.